

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, TRABALHO E REVOLUÇÃO: O EVENTO POLITICAMENTE MAIS IMPORTANTE DO SÉCULO XX

Talytha Cardozo Angelo ¹
Rafael Magalhães Costa ²

RESUMO

O presente trabalho busca compreender o envolvimento das camadas populares na Revolução Russa, de modo que engloba os operários, burgueses e camponeses em meio às políticas governamentais desastrosas de Nicolau II, e a proximidade da guerra, a qual é apontada por muitos estudiosos como fator agravante da situação de carência na Rússia. Apoiado no arcabouço teórico de Ferro (1974), Pires (2008), Murphy (2008), Segrillo (2010), Moura (2017) e Visentini (2017), a investigação propõe analisar os pormenores dos acontecimentos do ano de 1917, bem como o histórico de insatisfações do território. Enquanto considerações finais, avistou-se a força operária como agente ativo na transformação de uma realidade insalubre, de maneira que o apelo a outros membros parte dos ideais de reconhecimento e um nacionalismo próprio do movimento de trabalhadores, adiante, estariam dispostos a mover grandes massas além das fronteiras russas.

Palavras-chave: Revolução Russa; Trabalho; História Contemporânea.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, Murphy (2017, p. 49) traz em seus estudos inúmeros olhares acerca da Revolução Russa, entre eles, surge a seguinte interpretação: “[...] evento politicamente mais importante do século XX”. Dessa maneira, pode-se considerar o impacto que as mudanças ocorridas na Rússia durante o ano de 1917 foram além de suas fronteiras.

Sabendo disso, tornou-se curioso investigar com mais ênfase as minúcias que envolviam essa alteração política e social. Logo, o objetivo do presente trabalho consiste na investigação dos acontecimentos em volta da Revolução que a transformaram em magnitude.

Portanto, o problema de pesquisa surge da pergunta norteadora: de qual forma a população russa se movimenta em razão as lacunas deixadas pelo governo de Nicolau II?

Uma vez que a classe trabalhadora é a principal responsável pelas alterações ocorridas no recorte temporal que envolve a manifestação, como sabido, a ordem estatal direcionava atenção a outros elementos, por hora, negligenciando as camadas populares.

Ao passo que a proximidade da Primeira Guerra Mundial contribui ainda mais no enfraquecimento da máquina governamental russa, surgindo a hipótese que isso é agravado

¹ Graduanda do curso de Filosofia pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante, talythacardozo@gmail.com;

² Professor-orientador. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFES, Raflaelmc@gma.com.

quando a população é atingida por uma forte crise econômica, bem como o envio para o conflito armado sem preparo, e sem equipamentos.

Não obstante, a insatisfação era algo incontrolável, os trabalhadores percebem que o sistema estava caminhando para o fim, como marco disso, conta Ferro (1974, p. 31) tem-se os cartões de racionamento.

Outrossim, justifica-se a pertinência do estudo no campo da História Contemporânea, haja vista que a pesquisa no tempo presente está no foco de novas descobertas, as possibilidades de explanação permitem a análise dos pormenores.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

O presente trabalho pode ser interpretado metodologicamente como uma pesquisa de objetivo descritivo, uma vez que busca em inúmeras fontes por detalhes da Revolução, com natureza básica, abordagem qualitativa, bem como a adesão do procedimento bibliográfico

A partir disso, as fontes usadas durante a formação do corpo teórico englobam a temática da Revolução Russa, com foco na ação dos trabalhadores nesse processo histórico, sendo assim, optou-se por autores como Ferro (1974), Pires (2008), Murphy (2008), Segrillo (2010), Moura (2017) e Visentini (2017).

Observou-se a incidência de produções no ano de 2017, justamente por marcar o centenário do evento principal. À medida que a proposta caminha pela revisão de artigos e livros. Como fatores de inclusão, têm-se as palavras-chaves: Revolução Russa; Sociedade; Século XIX; Mudanças.

Ao passo que os fatores de exclusão se concentram precipuamente em obras que abordavam o sentido cultural da manifestação na Rússia e demais nações, enquanto o estudo se apoia no campo político e social.

Pensou-se, como motivador, nos conflitos vivenciados pela população, e para o embasamento dessa hipótese, tem-se trechos da política de tratamento a fome, como o oferecimento do pão, que adiante se mostra como um marco.

Em suma, a discussão caminha a partir de indagações lançadas durante as aulas da graduação, no que diz respeito aos interesses dos Soviets, a postura de Nicolau II, e como as camadas populares reagem as ausências de amparo frente a guerra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A priori, com greves que carregavam viés político e econômico, evidenciaram os poucos laços entre a população camponesa e os trabalhadores, no formato em que estavam coexistindo com a guerra, questões de precariedade e insatisfação ressurgem. A gota d'água, contudo, respinga quando surgem os “cartões de racionamento” (FERRO, 1974, p. 31), a ideia de distribuir alimentos fracassou por razão da demanda de pessoas que era maior que a quantidade de recursos, dessa maneira, após esperarem por horas, grande parte retornava sem nada.

Embora o notório desgosto, as manifestações despontam acerca de jornada de trabalho, fase em que “[...] a classe operária russa saíra do gueto” (FERRO, 1974, p. 32), os cinco dias de cortejo e passeatas que seguem da data de 23 de fevereiro entraram para a História. A priori, pacíficos de ambos os lados, até que no terceiro dia, palavras de ordem ecoam pelo fim da guerra, pedidos de uma república e distribuição de pão. O sentimento de confiança aflorou, mas também despertou as forças militares, logo, no domingo da manifestação, os soldados que antes estavam como observadores em seus postos receberam instrução de silêncio, e mais: foram instruídos a “apontar para o coração” (FERRO, 1974, p. 33), não esperando que o sangue que foi derramado sob o gelo, também recaiu na decisão dos revolucionários.

Ressalta-se que em “algum instante mais tarde viu-se o pavilhão imperial descer lentamente, puxado por mão invisível, e logo em seguida um pano vermelho flutuou sobre o palácio. Em cinco dias pusera fim ao reino dos Romanov” (FERRO, 1974, p. 34), com a queda do regime, reações para além da multidão foram observadas, os participantes da Duma não sabiam ao certo como o povo iria lidar com eles até Kerenski posicionar-se. Ele, junto a Ckeidze – futuramente selecionado como presidente do Soviet – organiza rapidamente uma união entre os mencheviques e socialistas-revolucionários, como vice, além do próprio Kerenski, surge à figura de Skobelev, dando início a suas reivindicações.

Como os Soviets e a Duma não podiam se anular, têm-se a consolidação do duplo poder, próximo a ideia de formar um governo que inicialmente provoca intenções de tomá-lo individualmente, ao lado que é condenada. O fato dos soldados “só aceitarem ordens vindas do

Soviet” (FERRO, 1974, p. 36) pesa no posicionamento da Duma, que via benefícios nesse aporte do exército; os Soviets, por sua vez, precisavam da Duma para governar. Na tentativa de frear uma republicam urge a ideia da abdicação de Nicolau II, na intenção de “salvar a independência do país e salvaguardar a dinastia” (FERRO, 1974, p. 38), mediante isso, o czar aceita e nomeia seu irmão como sucessor, vale ressaltar a situação com a saúde de seu filho Alexis como agravante. Todavia, frente ao desconhecido e crise eminente, Miguel II também abdica.

O sucesso da revolução causou surpresa pela fluidez com que as peças foram se encaixando. Uma vez que o czar foi deposto, as organizações logo se movimentaram, houve aumento de Soviets e a conjuntura desses comitês versavam duas vias: 1) administrativa, pelo governo e 2) contestatória, devido aos camponeses e soldados. Essa força social possibilitou a resistência às pressões que outros partidos exerciam sob os Soviets de Petrogrado, pois, se havia uma parte revolucionária, a parte que assume o poder era diferente, no sentido que as ideias ocidentais invadem a Rússia, e dessa vez com caráter parlamentar, procurando “renovar o Estado e ganhar a guerra, deixando a uma assembleia constituinte o cuidado de proceder a reformas de estrutura” (FERRO, 1974, p. 40), tal pensamento explica o anseio em volta dos Soviets, justamente por sua responsabilidade em fiscalizar o caminho para o regime socialista, em menção a Moura (2017, p. 123) “o soviete nasceu como um organismo de auto-organização para coordenar as lutas em curso [...]”.

Entre as ambições, os operários trazem reivindicações por condição de trabalho, como salário e carga horária, ainda que houvesse certa distância entre ferroviários e artesãos. Já os camponeses tinham um objetivo certo: posse de terras; os menos afortunados queriam a distribuição, e os remediados interessavam-se pelo que era da coroa. Ao lado que os soldados e marinheiros pensavam em abonos em indenizações, além do tratamento a eles com “uma disciplina baseada no respeito à pessoa humana” (FERRO, 1974, p. 43). O cenário também contou com alógenos em busca de sua cidadania e aglutinação à pátria. Outro segmento a se observar é a burguesia, por se posicionar no comando, ao contrário dos operários, queriam continuar na guerra, ao passo que reforçavam a economia e para isso, a negação aos clamores dos trabalhadores. Com esses desejos sociais em curso, o mês seguinte trouxe as “Teses de abril”, que outrora se mostrou uma oposição ao governo de face menchevique. Ao verbalizar o fim da guerra, distribuição de meios e terra, ganha popularidade, e a “maioria” (bolcheviques) começa a aparecer.

O governo optou por lançar mudanças através de gabinetes enquanto a população agia nas ruas, esse comportamento de não envolver-se com o âmbito social foi uma das razões pelo descrédito direcionado ao governo e suas ramificações, pois assim não atendia aos camponeses, alógenos, operários e soldados, nesse sentido, “o governo desejava que as greves cessassem” (FERRO, 1974, p. 47), mas os grupos inflexíveis devido à ausência de garantias, além de situação de precariedade que o país estava quando os preços e taxações. Somente com a intervenção Soviet as concessões chegam ao plano econômico por “acordos coletivos” realizados. Segundo Pires (2008), começa surgir um discurso provocativo em relação aos burgueses, como:

Devemos dar a eles um pãozinho por dia, para que não se esqueçam do cheiro. Mas se precisarmos recorrer a palha moída, nesse caso eles receberão o primeiro quinhão. Contudo, o governo almejava muito mais do que isso, relatando o começo da campanha [...] seu presidente não falou de comida, mas de poder. (PIRES, 2008, p. 226)

A relação para com os soldados era delicada, a autoridade passou a ser questionada em alguns momentos do Alto Comando e um dos próprios Soviets, por razão de quebrar o contrato de 2 de março, no sentido que “o Soviet se estava aliando à guerra de defesa nacional” (FERRO, 1974, p. 49). Sendo assim, Miliukov surge como um dos nomes que acreditava nessa consequência da “paz”, ao lado de Sukhanov ao declarar ser o momento de decisão. Partindo então do quadro externo com as fronteiras da guerra, e no interno com as “baionetas dos conquistadores”, a qual os filhos da revolução não se curvaram. Poder e revolução são questionados, pois se a direita queria garantir sua hegemonia, a esquerda pregava a ditadura do proletariado.

Consoante às reações da Europa envolvem a interpretação que a crise era apenas uma derivante da guerra, todavia, o que chama atenção é o retorno de personalidades ao país, como Lênin e Martov. O restante do globo via a ameaça da derrubada de uma autocracia, ao lado que os aliados demoraram tomar consciência da real condição russa. Desconfiados, ocorre o pedido em função dos territórios, e nesse estágio que os Soviets ganham apoio dos socialistas, porque afirmavam “paz sem anexações nem contribuições” (FERRO, 1974, p. 53) o que negava o financiamento dos “vencedores” a suas custas.

Entretanto, Miliukov que defendia a continuidade da guerra – com a pressão das potências – emite um comunicado, outrossim, “contra toda expectativa” (FERRO, 1974, p. 54) já que contava com sanções que poderiam ser solicitadas, oposto da “paz sem anexação”. Se a

nota agradou o estrangeiro, no interior foi lida como uma provocação e a estabilidade de Miliukov são postas em jogo por tamanho desagrado. Com o Soviet contrário a essa nota e a tensão social, procurou-se uma saída, avistando manifestantes e contra manifestantes, logo, quando Miliukov é retirado, uma agitação entre cadets e bolcheviques ensaia um término, desse modo, o Soviet que antes recusava participação, aceita por sua influência, integrando o governo. Mas essa coalizão já flertava com o fim.

O Soviet parte de uma organização de operários, entretanto, com sua institucionalização, os soldados começam a ficarem mais próximos do conselho (Soviet), esses soldados se montam como ocupantes dos cargos mais a frente. Acresce que os operários e militares alinham seus interesses com a queda menchevique, levando em consideração esse cenário, portanto, no Governo Provisório, o Soviet trouxe propostas como a paz sem anexação e menções ao fortalecimento do exército. Ainda assim, como previsto, o fracasso da coalizão dá-se na tentativa de resolver os problemas deixados pela revolução.

A simbiose se dava nos planos em que ambos (partido bolchevique e estas instituições de representação direta) passavam por processos análogos de burocratização e partilhavam interesses comuns cada vez mais fortes no fim do governo provisório e do antigo estado. (SEGRILLO, 2010, p. 78)

Marc Ferro (1974, p. 60) pontua que “na Rússia, era já um fato: faltava alcançar com êxito nos outros lugares. A luta, portanto, se travaria em dois terrenos: o das relações entre governos e o das relações entre partidos socialistas”, justamente por esse individualismo de cada partido em finalidade ao que gostariam para o governo, ao considerar isso, a ideia de Ceretelli, por exemplo, não se efetiva, porque além de ser uma liderança menchevique, acreditava em uma paz a partir da resolução da guerra com a participação da guerra, como também melhorias no palco da revolução, o que para os Aliados era ingenuidade.

Vendo isso, e com a descrença nos socialistas majoritários, a figura de Kerenski é lembrada como “em condição de fazer mais um milagre” (FERRO, 1974, p. 61), ele propõe aos soldados a perspectiva que a reforma desejada por eles viria após uma vitória militar acima dos alemães, de maneira que isso convenceria os Aliados. No entanto, seguindo a primeira vitória, nenhuma outra sucedeu e tal elemento gerou além de inúmeros mortos, a suspeição da Rússia na política externa.

Nas ruas as reivindicações entre as classes prosseguiram, e com a decisão dos ministros socialistas de favorecer os patrões, provocou nos trabalhadores revolta ao ponto de sabotarem

a economia, ao passo que a reação foi a “interrupção do fornecimento” (FERRO, 1974, p. 63) pelo Ministro do Trabalho, Skobelev e os mencheviques. A popularidade do governo além de cair nas fábricas, cai nos campos, uma vez que não atendidos os camponeses passam a apropriar-se de terras desocupadas, provocando desaprovação. Doravante, os alógenos mesmo sob o novo regime não têm o direito de pertencimento atendido, e mais uma vez “foi-lhes declarado que somente uma assembleia constituinte decidiria soberanamente” (FERRO, 1974, p. 65), logo, com o não reconhecimento, eles decidem romper com o movimento nacional.

Com as manifestações de junho organizadas por soldados bolcheviques que temiam não apenas o retorno da antiga disciplina, como também em “ver Kerenski retomar o controle do exército” (FERRO, 1974, p. 66), com isso, a vitória dos bolcheviques é consagrada e a queda da coalizão é definitiva, como aguardado por muito tempo, como comenta o autor (1974, p. 67) “pela primeira vez a rua lhes pertencera”. Não obstante, avistou-se a guerra civil, conforme Visentini (2008):

[...] durante a fase imperialista da transição do século XIX ao XX, as contradições sociais mais agudas se deslocaram do centro para a periferia, onde o processo de proletarização se tornou mais acentuado, com o êxodo rural e a implantação da agricultura voltado para o mercado. (VISENTINI, 2008, p. 15)

Uma vez declarada às manifestações, incertezas surgiram entre os bolcheviques e anarquistas quanto a conduta do comitê central, todavia, em julho avistou-se uma resposta ofensiva alemã, ao passo que os soldados estavam em modo sensível, pois haviam aqueles que estavam na retaguarda e aqueles nas trincheiras, ambos sob ameaça da “disciplina retomar seus direitos, a guerra continuar, a Revolução terminar” (FERRO, 1974, p. 69), então, com o desencadeamento das insatisfações populares, o governo usou do anti-bolchevique para circular a sua responsabilidade, como resultado tem-se a formação do governo de Kerenski, que embora seu último fracasso, ainda tinha reputação.

Após encontrar diversas dificuldades, Kerenski se articula para encarregar aqueles que lhe seria vantajoso em cargos no governo, esses personagens, porém, alimentavam a narrativa do antibolchevismo, como ações ele “restabeleceu a pena de morte no exército, ordenou a expulsão dos jornais revolucionários [...] e multiplicou as interdições contra bolcheviques” (FERRO, 1974, p. 71) apoio no plano de fundo de culpar os bolcheviques. Nesse cenário, a questão mal resolvida dos alógenos reflete em iniciativas de independência na Finlândia e na Ucrânia.

Com a adoção da política contrária aos bolcheviques adotada pelo comitê central dos Soviets, Kerenski viu a necessidade de assegurar-se, para isso é notório a Conferência do Estado de Moscou, onde “convidou os representantes de todas as instituições sociais russas” (FERRO, 1974, p. 73), a qual foi denunciada pelos bolcheviques como contra-revolução. Todavia, a presença do general Kornilov chama atenção por ser considerado rival de Kerenski, ele “era ainda mais temível porque passava por dispor de tropas fiéis e contava com a dedicação dos cossacos” (FERRO, 1974, p. 74), sendo assim, o embate com Kerenski durante a Conferência era certo, ademais, ele possuía um plano envolvendo batalhões e oficiais, e quando Kerenski lhe faz uma concessão militar, pede em troca a dissolução da “União dos Oficiais da Stavka, o que provaria seu lealismo” (FERRO, 1974, p. 75), à frente, com a demissão de Kornilov, a divisão entre os dois acentua-se. Mas, com ação das massas operárias, Kerenski atinge vitória, pois embora fossem contrários a ele, eram ainda mais à Kornilov.

O impacto recai sobre o exército russo, que não somente perdeu a confiança nessas lideranças, como também em recursos. Na medida em que “políticos e patrões eram solidários, todos cúmplices” (FERRO, 1974, p. 79), a situação dos operários pouco mudara, e os camponeses, mesmo apoiados por soldados em licença, não tinham a posse “legal” das terras, apenas as ocuparam.

Dividindo palco com a Convenção Democrática proposta por Kerenski em setembro, urge o discurso Trotski – eleito como Presidente do Soviet – com dizeres sobre a continuidade de “uma guerra que não tinha mais sentido [...] e preparando a rendição de Petrogrado e o esmagamento da Revolução” (FERRO, 1974, p. 80), após a retirada dos deputados bolcheviques presentes na Convenção. Ao mesmo tempo em que se tentou uma vitória com a Áustria e resguardar das ações bolcheviques, a administração esqueceu-se de seus adversários, e como consequência tem-se os progressos da bolchevização que conquistou as fábricas.

No desenrolar dos fatos, “na ausência de Lênin, somente Stalin ousou ainda defender a tese da tomada do poder” (FERRO, 1974, p. 84), a explicação dá-se por sua fuga para a Finlândia desde o mandato de prisão, e no panorama em que Kornilov agita a estrutura do governo, a bolchevização ganha fôlego e avança com as massas populares. Mesmo longe, Lênin não deixara de se comunicar com o Comitê Central, em seus escritos, como destaca Marc Ferro (1974) é perceptível:

Esperar uma maioria formal seria ingênuo da parte dos bolcheviques; isto, nenhuma revolução espera. Kerenski e Cia. também não esperaram; eles prepararam a

rendição de Petrogrado. São precisamente as lamentáveis hesitações da conferência democrática que devem fazer e farão operários de Petrogrado e de Moscou perder a paciência. Se nós não tomarmos o poder agora a história não nos perdoará. (FERRO, 1974, p. 85)

Sendo assim, enquanto alguns caminhavam com cuidado, como Kamenev, Lênin clamava por uma reação desesperadamente, de modo que ele retorna por vias clandestinas para participar de uma reunião, a qual é visitada pelo espectro da traição. Por conseguinte, “o curso dos acontecimentos tornou-se irreversível a 22 de outubro” (FERRO, 1974, p. 88), pois os dias que seguiram ilustrou o avanço, até em momento que as tropas contrárias a Guarda Vermelha deixaram de atender aos pedidos de auxílio. Em uma batalha incansável e após a vitória sobre o Palácio de Inverno, um novo horizonte mostrou-se, com “Lênin, Trotski e Lunacarski surgem como os novos chefes da Revolução” (FERRO, 1974, p. 91), ora Lênin anuncia a revolução socialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, na estrutura do governo vislumbrou-se Lênin na presidência, Trotski responsável pelos Negócios Estrangeiros e Stalin pelas Nacionalidades, além dos demais membros e suas funções, todos bolcheviques. Adiante, com a idealização de que “os russos fariam os aliados dos proletariados de todos os países dos povos oprimidos do mundo inteiro” (FERRO, 1974, p. 92) por Lênin, apresentou outrora o tratado de Brest-Litovsk.

Ao lado disso, o Exército Branco organizava-se como locomotiva dos interesses imperialistas e o peso que seria tal vitória para o capitalismo, o que reuniu certo apoio em vão. O regime bolchevique resistiu e por “longos anos eles tiveram assim a maior parte dos trabalhadores do seu lado” (FERRO, 1974, p. 98), pois atendeu as chamadas sociais dos operários, camponeses e soldados, embora a divisão entre governante e governado tenha permanecido vertical.

Por fim, destaca-se a pertinência na leitura que entrelaça análises historiográficas acerca da Revolução Russa, elevando as interpretações para além de explorador e explorado, o autor faz questão de pontuar ao longo da obra os impactos que essas agitações sociais têm sobre os grupos que completam a Rússia, como os operários, camponeses, soldados e alógenos, de modo que cada um, em sua particularidade movimenta o cenário plural, e como reflete no posicionamento das lideranças.

REFERÊNCIAS

FERRO, M. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

MOURA, A. O movimento operário russo e suas revoluções: a estratégia de 1905 e 1917. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, V. 60, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-2767.2017v60p115-159>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

MURPHY, Kevin. Podemos escrever a história da Revolução Russa. **Revista Materialismo Histórico**, n. 17, 2008.

PIRES, Richard. **História concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

SEGRILLO, A. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 41, 2010, Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535>>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Os paradoxos da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Altas Book, 2017.